



Alguns mitos e fatos sobre violência

*Dicas sobre como você
pode ajudar*





MITO A maioria dos homicídios é proveniente de crimes ou tráfico de drogas.

FATO De acordo com o FBI, menos de 40% das mortes violentas estão associadas a outros crimes. A maioria das violências, inclusive os homicídios, decorre de discussões ou conflitos entre amigos, conhecidos, amantes e cônjuges.

MITO A maioria das violências tem motivação racial.

FATO A maioria das agressões e assassinatos envolve duas pessoas da mesma raça.

MITO Carregar uma arma de fogo dá proteção.

FATO Carregar uma arma dá uma sensação de ousadia que leva a comportamentos irracionais. Se a outra pessoa vê uma arma de fogo, ela pode sacar (a sua arma) e atirar primeiro. Carregar uma arma de fogo pode dar uma sensação falsa de proteção; isto pode na verdade prejudicar a segurança da pessoa!

MITO “Ficaria mais seguro com uma arma de fogo na minha casa porque existe tanta violência”.

FATO Uma pessoa com arma de fogo em casa tem uma probabilidade três vezes maior de ser morta do que um vizinho que não tem arma de fogo. Tiroteios em casa muitas vezes ocorrem quando um amigo ou parente é confundido com intrusos, quando se perde o controle em uma briga entre os que moram na casa ou quando uma criança acha alguma arma de fogo. Tudo com consequências potencialmente fatais.

MITO Crianças pequenas não usam armas de fogo.

FATO Crianças pequenas podem não saber a diferença entre as armas de fogo de verdade e as de brinquedo. A sua curiosidade é mais forte do que a sua percepção do perigo; elas precisam é de proteção contra as armas de fogo. Mesmo as crianças pequenas têm força suficiente para puxar o gatilho.

MITO A violência de adolescentes se limita a brigas e bullying.

FATO Na América ocorrem todos os tipos de violência.

Entre jovens de 10 a 24 anos de idade, o homicídio é a causa principal de morte para americanos de origem africana; a segunda causa principal de morte para hispânicos; e a terceira causa principal de morte para os nativos das ilhas da Ásia e Pacífico, do Alasca e povos indígenas da América.

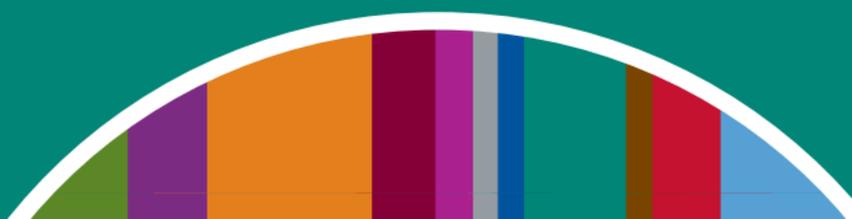
MITO As crianças que lutam bem — as que são boas com as suas mãos — estão mais seguras.

FATO As crianças mais populares e seguras são as capazes de resolver problemas. Elas sabem como usar suas mentes e sua boca para resolver problemas, em vez de usar os punhos. As crianças que lutam muito — mesmo que sejam boas nisso — encontram eventualmente alguém maior e mais forte ou que tenha uma arma.

MITO Para conquistar o respeito dos colegas, os meninos precisam estar dispostos a lutar.

FATO Os jovens que não são bullies nem agressivos — que seus colegas consideram como capazes de resolver problemas — são os mais bem-sucedidos e populares na escola.

Fonte de estatísticas: Centro de Prevenção e Controle de Doenças, Atlanta, Geórgia.



Para mudar o comportamento, é importante identificar os fatores de risco que se aplicam a cada criança. Apresentamos a seguir algumas dicas específicas para aconselhar jovens com risco de violência.

Orientação para jovens em risco

DICA Quando um jovem entra numa briga, os pais e outros adultos devem sempre perguntar como a briga começou. Ajude os jovens a pensar sobre o que antecedeu e originou a briga, bem como a encontrar ações ou palavras alternativas capazes de evitar a briga. Ao longo do tempo, o jovem estará mais seguro evitando brigas ao resolver problemas em vez de ganhar a disputa. Saber como a briga acabou também pode ser importante. A briga acabou quando alguém desistiu? Alguém precisou parar a briga? Algum adulto chegou e parou a briga? Ensine as crianças e adolescentes a resolver diferenças e conflitos sem brigar.

DICA O lar mais seguro para as crianças é o que não tem armas de fogo. Se houver alguma arma de fogo em casa, ela deve ficar guardada e trancada, com a munição armazenada e trancada em separado.

DICA Incentive os jovens a desenvolver suas habilidades de interesse de modo a reduzir o tempo gasto assistindo violência na televisão e no cinema.

DICA Apoie iniciativas para retirar as armas de fogo das ruas e das mãos das crianças.

DICA Envolver-se com a sua vizinhança. Incentive os adolescentes a se envolverem também. As comunidades com oportunidades ativas para adolescentes são as mais seguras para eles. Os jovens envolvidos em suas comunidades, nas escolas, no atletismo ou nas artes, ou nas suas igrejas, mesquitas ou sinagogas, são mais seguros.

DICA Incentive as escolas a ensinar os jovens sobre a resolução de conflitos, a estabelecer mediadores entre colegas e a ensinar os jovens a desarmar uma situação ameaçadora. Conheça a política das escolas locais sobre violência, bullying e armas.

DICA Preste atenção aos sinais de alerta de transtorno do estresse pós-traumático (TEPT). As crianças que presenciaram ou foram vítimas de violência podem sofrer de TEPT, assim como os soldados que voltam da guerra. As crianças que sofrem de TEPT muitas vezes têm dificuldade para dormir (às vezes com pesadelos), se concentrar e controlar a sua raiva. Elas podem mostrar menos interesse na vida diária ou agir como se estivessem sempre em alerta ou com medo. Qualquer um que apresente os sintomas de TEPT pode receber ajuda! Entre em contato com um prestador de serviços de saúde ou orientador de saúde mental.



A violência é um comportamento aprendido

As crianças e adolescentes aprendem com as suas experiências. Uma abordagem equilibrada dos fatores de proteção (conhecida como desenvolvimento positivo de jovens) e a redução dos fatores de risco ajudam os jovens a evitarem envolvimento na violência.

Os fatores de risco individuais incluem o histórico de comportamento agressivo precoce, envolvimento com drogas, álcool ou tabaco, deficiências no controle do comportamento, atitudes e pontos de vista antissociais, além da exposição à violência e conflitos na família.

Os fatores individuais de proteção incluem ter algum adulto respeitado em quem confiar, a capacidade de usar humor para desarmar situações tensas e o engajamento na escola ou comunidade.

Os fatores de risco familiar incluem práticas disciplinares rigorosas, frouxas ou incoerentes, pouca ligação emocional com os pais ou cuidadores, criminalidade ou abuso de substâncias pelos pais, funcionamento precário da família, além da supervisão e monitoramento deficientes das crianças.

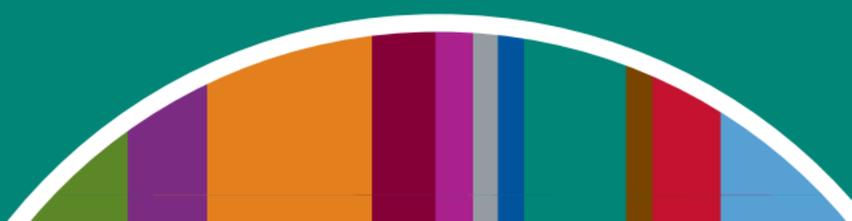
Os fatores de proteção familiar giram em torno de comunicações abertas em um ambiente de acolhimento. Oportunidades regulares de comunicação, como jantares de família, dão aos jovens a oportunidade de discutir dificuldades com adultos carinhosos.

Os fatores de risco social/de colegas incluem a associação com colegas que são delinquentes, envolvimento em quadrilhas, rejeição social pelos colegas, falta de envolvimento em atividades convencionais, desempenho acadêmico insatisfatório e pouca dedicação à escola.

Os fatores de proteção social/dos colegas incluem um engajamento ativo na escola e a sensação de dominar bem certo segmento da vida. Por exemplo, os jovens envolvidos ativamente em atletismo ou artes nas organizações comunitárias são menos propensos a se envolverem em violência.

Os fatores de risco comunitários incluem uma grande concentração de residentes pobres e a transitoriedade, baixos níveis de participação comunitária e vizinhanças socialmente desorganizadas.

Os fatores de risco comunitários foram mais bem definidos pelo Search Institute (www.search-institute.org), que relacionou 40 recursos sociais positivos. As comunidades que apresentam oportunidades abundantes de engajamento dos jovens e uma cultura local que valoriza esta participação experimentam, em geral, menos violência.



Para cópias adicionais:

**Massachusetts Medical Society
Public Health and Education
860 Winter Street
Waltham, MA 02451-1411**

www.massmed.org/violence

(800) 322-2303, ramal 7373

dph@mms.org



**CAMPAIGN AGAINST
VIOLENCE**

**MASSACHUSETTS MEDICAL SOCIETY
MASSACHUSETTS MEDICAL SOCIETY ALLIANCE**

Este cartão com dicas faz parte de uma série idealizada por Robert Sege, MD, PhD, Boston, MA, e desenvolvida com o Comitê sobre Prevenção e Intervenção na Violência da Massachusetts Medical Society. O financiamento original foi concedido pela Robert Wood Johnson Foundation, pesquisa no. H133850006 do National Institute on Disability and Rehabilitation do Departamento de Educação dos EUA.

Copatrocínio da Massachusetts Medical Society Alliance

Direitos autorais:

© Copyright 2000, 2012 Massachusetts Medical Society

**Este cartão pode ser reproduzido para distribuição
sem fins lucrativos.**